

ACIDENTE

31/4/53

O homem da farmácia não quiz me atender, embora eu lhe dissesse que devia ser um curativo simples. Que eu fosse ao Pronto Socorro. Não era longe, e minha testa sangrava; fui até lá. Ia saindo um entêrro, o que de certo modo me animou, porque o entêrro não era meu; poderia muito bem ser, se o "chauffeur" não tivesse freiado tão depressa. Mas na sala 125, aonde me mandaram entrar, é que meu consolo cresceu. Um enfermeiro dava uma grande injeção em um bebado esfarrapado e sujo que fazia caretas; estava tão ruim que não conseguia ficar sentado no banco, e acharam melhor que êle ficasse mesmo no chão. Acho que jamais fiquei tão bebado assim. Havia, para ser atendido antes de mim, um velho magro (parece que era espanhol) com a cara tão arreventada que tive prazer em passar a mão pelo meu próprio nariz — e queixo, boca, orelhas — e sentir que estava tudo, ou quase tudo, em ordem. Fizeram-me o curativo, paguei 27,50 e parti feliz — não com a desgraça dos outros, mas com minha sorte.

Só no dia seguinte senti que o susto — aquêlê instante em que a gente vê que um carro vai bater no outro, a fracção de segundo em que se ouve um guincho de freio e se sente que o corpo é arremessado para a frente, no baque — o susto me cansara por dentro, como se eu tivesse feito durante semanas um trabalho estafante, ou respondido a um longo interrogatório policial. E o resto do corpo mostrou que estava mais ou menos solidário com a testa: o braço direito doído, o pé esquerdo também doendo ao andar, o corpo inteiro ressentido, abalado com o choque. A mãe de um amigo me telefonou para que eu não me esquecesse de um remédio antigo, mas bom, arnica. E isso me comoveu. Como eu deixara meu nome no Pronto Socorro, o jornal deu a notícia, fazendo uma referência distinta a minhas "escoriações no supercílio direito", o que era inexato, mas bem melhor que "dois galos na testa".

E então eu descobri que um pequeno desastre é bem melhor que um aniversário. Com referência aos amigos, não; êsses telefonam fazendo piadas, e sempre parecem um pouco decepcionados por não ter havido uma fratura sequer — pois os amigos se sentem mais importantes quando o ferimento é mais grave. Perguntam se o esqueleto está inteiro — e a propósito de testa falam infalivelmente de outros fenômenos que neia acontecem nesta vida. As pessoas conhecidas mais distantes é que falam com seriedade: lamentam o que ocorreu, contam o quanto ficaram preocupadas, dizem-se contentes por não ter havido nada grave. Um encanto. Os leitores desconhecidos são comoventes.

No dia seguinte, os telegramas. O do Sindicato com a assinatura do Jocelin, o Murilo Mendes, o confrade de "O Momento", o Banco (desculpem, é engano, êste apenas solicita "regularização título sua emissão") e mais alguns, e sobretudo, fina flor dos telegramas, o da Associação de Escritores Pen Clube, assinado pelo meu "prezado confrade Claudio de Sousa". Vale mesmo a pena uma trombada!

Mas de repente me lembro: o Moses! Não, juro que até agora não recebi nenhum telegrama do presidente da A.B.I. — eu, amigo, admirador e sócio quites! Uma profunda amargura toma conta de meu coração: não por mim, nem pelo Moses, mas pelo Brasil. Se a gente não pode contar mais nem com um telegrama do Moses — se nem isso mais é certo neste país — então é porque essa choldra já está se desagregando de uma vez, e esta pinóia vai se acabar. Doe-me a testa, movo com lentidão os cansados membros, jogo-me na cama, sucumbindo: não acredito em mais nada neste mundo. R.B.

4410